

**DEVIR-NEGRO DO MUNDO: POLÍTICAS DE IDENTIDADE RACIAL NO
ENCONTRO ENTRE O AFRICANO ACHILLE MBEMBE E OS EUROPEUS
GILLES DELEUZE E FÉLIX GUATTARI**

Tarcísio Moreira Mendes

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFJF)

Bolsista UFJF

Travessia Grupo de Pesquisa – certificado pelo CNPq

tarcisiodumont@yahoo.com.br

2. Saberes Marginais – Possibilidades de instaurar conhecimentos fora de uma topologia da centralidade.

A oficina se propôs a pensar o conceito de *devir-negro do mundo* do pensador negro Achille Mbembe e sua relação com o conceito *devir-negro* dos pensadores brancos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em sua obra “Crítica da Razão Negra” (2018), o camaronês Mbembe produz uma genealogia do conceito Razão. Efeito do pensamento Ocidental, a produção deste conceito excluiu, desde sua origem, toda possibilidade de uma produção de um pensamento Negro. Assim, o autor junto a outros pensadores martinicanos, Aimé Césaire e Frantz Fanon, ajuda a problematizar a produção da Modernidade e sua violência epistêmica inigualável ao condicionar a racionalidade à Raça Branca. Mbembe faz ainda uma genealogia da produção ocidental dos termos “negro”, “raça” e “África” e sua inseparável relação ao desenvolvimento do Capitalismo Mundial. Ele denuncia, deste modo, a transformação da pessoa humana “em coisa, objeto, mercadoria”, como resultado da falta de capacidade de racionalizar. Esta empreitada de subjetivação com um objetivo muito *claro* – explorar incondicionalmente grupos humanos tornados ironicamente inumanos, efeito do processo criminoso da escravidão de pessoas negras durante 350 anos – inaugurou um modo de opressão que hoje faz vítimas para além dos africanos de pele preta. Por isso, Mbembe denuncia que massas de desempregados, nos cinco continentes, atualmente, não são tratadas nem como objetos exploráveis, com valor venal. Pelo contrário, são entregues ao abandono, sem funcionalidade ao Capital, como uma “humanidade supérflua”, como fluxo de produtos inutilizáveis, descartáveis. Esta condição, esta institucionalização generalizada de uma “humanidade excedente” é efeito do que Mbembe chama de “devir-negro do mundo” que arrasta pessoas de raças diversas à subalternidade, efeito da

escravização das pessoas negras de séculos passados. Para entender este processo é mister a problematização da racialização promovida pela dita Modernidade, sobretudo, a invenção do Negro pelo Ocidente Branco, a invenção deste “homem coisa”, “homem objeto”, “homem mercadoria”. Que novo movimento mundial é possível se toda humanidade subalterna se desse conta que se torna, cada vez mais neste mundo globalizado, “efetivamente negra”, como provoca o filósofo camaronês? Neste sentido, é importante pensar que a escolha de Mbembe pelo conceito *devenir* não é ao acaso. Mbembe faz aliança com os filósofos europeus Gilles Deleuze e Félix Guattari, especialmente nas obras “O anti-Édipo” (1972) e “Mil Platôs” (1980) – que no Brasil foi publicada em cinco volumes. Ele põe para funcionar o conceito *devenir*, exercício que movimenta as políticas de identidade para além do essencialismo, da interioridade, da dicotomia, da Falta, da Identidade como exclusão. Pôr-se em *devenir* ou dar-se conta do *devenir* em que somos postos não se trata de análise da passagem de uma forma a outra, ou da passagem de uma raça existente a outra. É antes uma mudança de percepção das relações racializantes que podem liberar linhas possíveis de abolição do racismo, da subjugação de um grupo sobre outros. Na aliança, *devenir* não se trata de imitar ou negar uma raça, mas pôr todas as raças existentes em movimento na produção de uma raça por vir. O encontro entre a filosofia de Mbembe, de Deleuze e Guattari inaugura uma aliança multirracial, multinacionalitária, minoritária. O *devenir-negro* do mundo denuncia o racismo do projeto da Modernidade e põe em *devenir-negro* todas as minorias humanas não-negras para que o Negro, ele mesmo, tenha oportunidade de se livrar de sua agonia

produzida pelo racismo. Um novo Mundo se insinua na produção deste comum, na invenção de uma nova terra por vir.

BIBLIOGRAFIA

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. **Vol. 4.** (Tradução de Suely Rolnik) São Paulo: Editora 34, 1997/2012.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.